

Demências e apatia influenciando a memória autobiográfica e o esquecimento: estudo de caso com sujeitos lembrantes da cidade de Rio Branco-AC

Reginâmio Bonifácio de Lima¹

¹ Professor EBTT de História da Universidade Federal do Acre – Ufac. Pesquisador Senad e CNPq. Rio Branco – Acre.

E-mail: reginamiobonifacio@yahoo.com.br

Palavras-Chave: memória autobiográfica, demências, sujeitos lembrantes.

Introdução

Os homens se relacionam mutuamente, onstruindo várias possibilidades de sociabilizações ao mesmo tempo em que se percebem enquanto sujeitos da ação que pela memória se fazem representar. De acordo com Gauer e Gomes (2007), lembrar-se de eventos altamente emocionais, sejam eles positivos ou negativos, pode ajudar a prevenir situações ruins e tomar a direção do sucesso; por outro lado, não dispor de todos os eventos irrelevantes do cotidiano é útil ao funcionamento cognitivo normal. Para esses autores, muitas das habilidades de promover lembranças específicas são cerceadas na memória por transtornos específicos, demências, depressões e outras doenças.

Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo analisar como os sujeitos lembrantes, que atualmente são idosos e presenciaram os momentos de lutas, rupturas e soerguimentos nos processos de ocupação dos bairros formadores de Rio Branco-Acre, tentaram “reconstruir”, a partir de suas falas registradas em entrevistas, suas memórias, lembranças e esquecimentos, representando uma parte de suas trajetórias de vida.

Embasamos teoricamente nosso estudo com as obras de Ecléa Bosi e Paul Thompson a partir do método de pesquisa com memórias de velhos e história oral. O objetivo do trabalho com a memória aqui retratada compreende o armazenamento e vitalização prática em diversas situações do que foi armazenado, enfocando a capacidade intelectual disposta pelo cérebro para lembrar, contextualizar, recriar e recontextualizar, conscientemente ou não, as informações associadas às vivências cotidianas, ainda que empíricas, dos sujeitos lembrantes.

Resultados e Discussão

Compreendemos que a memória não é algo do passado. Ela é o passado representado no tempo contínuo da lembrança; e só é possível se lembrar no presente, portanto a memória é a lembrança presente da representação do que se supõe, ou pressupõe passado, mas que na verdade não findou porque é atualizado.

As entrevistas evidenciaram a importância das lembranças no campo da memória autobiográfica, quando o sujeito lembrante se demonstra capaz de experienciar conscientemente uma representação mental de algo específico, real ou imaginado.

Perlmutter e Hall (1992) afirmaram que o cérebro começa a envelhecer no início da idade adulta, embora as pessoas só percebam essa perda bem mais tarde. A forma de processamento da informação está intimamente ligada com a fixação da memória ou com a falta dela.

Existem lapsos normais de memória e a perda anormal de memória – como no caso da doença de Alzheimer. Além da perda de memória considerada comum ou reversível, existem as perdas irreversíveis de memória que são ocasionadas por distúrbios, demências ou doenças que ocasionam perda ou bloqueio permanente de capacidades mentais.

Ao analisar as lembranças expressas nas entrevistas, percebemos, nos sujeitos lembrantes, que a sensação de conhecimento obtuso dos lugares exala a experiência da ideia de não pertencimento. É como se eles conhecessem intimamente um lugar e depois, da mesma forma, vissem intimamente o outro lugar, mas tivessem sensação de não pertencer completamente a nenhum dos dois. O enigma de uma “chegada” sempre adiada é a sensação de trânsito que perpassa os corações e mentes desses moradores.

Conclusões

A memória autobiográfica é um construto que se refere à habilidade de recordar conscientemente as experiências individuais vividas no passado. A maioria das pessoas sofre, em algum grau, com o ato de esquecer, o que comumente chamamos de “branco”.

É comum não nos lembrarmos de algumas coisas que temos para fazer ou onde pusemos determinados objetos. Aliás, nunca se cobrou tanto da memória quanto nessa “sociedade da informação”. Há tantas coisas a lembrar: nomes, lugares, situações que o cérebro não comporta, tantas informações a serem disponibilizadas a qualquer momento. Entretanto, naturalmente, a perda de memória é, muitas vezes, mais séria que isso.

A memória, como qualquer outra parte do corpo, necessita de exercícios e ambientes que favoreçam conforto e situações nas quais se possam exercer atividades que levem ao processamento das informações. É necessário manter-se mentalmente ativo, evitar tensões e manter contato social. O ato de fazer novos amigos e comentar as vivências traz à tona as lembranças há muito guardadas na memória, além de possibilitar novas perspectivas ao fluir da memória na aplicabilidade prática do cotidiano.

Agradecimentos

Agradecemos aos idosos que participaram voluntariamente da pesquisa, assinando o termo de consentimento livre e esclarecido e ao Grupo de Estudo e Pesquisa Sobre terras e gentes pela relevante atuação.

BOSI, E. **Memória e sociedade**. São Paulo: T.A. Queiroz - Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

DEFELICE, Stephen L. **Perda de Memória**. Trad. Maria Pia Brito de Macedo. São Paulo: Nobel, 1989.

GAUER, G.; GOMES, W.B. **A experiência de recordar em estudos da memória autobiográfica: aspectos fenomenais e cognitivos**. Memorandum, (2006).

LIMA, R. B. **Memórias de velhos**. Rio Branco (AC): Boni, 2008.

PERLMUTTER, Marion; HALL, Elizabeth. **Adult development and aging**. 2nd ed. New York, Publisher: Wiley, 1992.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado - História Oral**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BUCKI, Sonia. **Alzheimer e outras Demências**. Disponível em: <www.mentalhelp.com/alzheimer.htm>. Acesso em: 25 de agosto de 2007.